



Entrevista

ENTREVISTA COM JOÃO VICENTE SOBRE A PEÇA “A ILHA DO FAROL”

*INTERVIEW WITH JOÃO VICENTE ABOUT THE PLAY “THE
LIGHTHOUSE ISLAND”*

ENTREVISTA A JOÃO VICENTE SOBRE LA OBRA “LA ISLA DEL FARO”

**Entrevista realizada no dia 14 de dezembro de 2022 por Mariana
Volfzon Mordente (Mar Yammh)***

João Vicente Duque Estrada

É ator, escritor, palhaço e formado em cinema pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Realizou trabalhos com o diretor Daniel Herz e integrou o elenco da pesquisa e espetáculo “Palavra de Palhaço”, dirigido por Ana Achcar (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO). Recentemente foi diagnosticado com Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) e tem mobilizado a criação de trabalhos auto cionais sobre a doença. Foi contemplado com o Prêmio Cultura Inclusiva nas Redes (SECEC-RJ) com a pesquisa “A Ilha do Farol”.

Mariana Volfzon Mordente (Mar Yammh)

É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB). Investiga sobre as relações entre sonho, performance e ritualidades políticas de cura a partir de diálogos com os movimentos feministas decoloniais e feminismos comunitários indígenas mexicanos. Atua na liminaridade dos campos artísticos, políticos e terapêuticos. De sua trajetória se destacam os trabalhos junto ao coletivo Teatro de Operações (Rio de Janeiro, Brasil) e à Ohdiosa Coletiva de Cabaret (Oaxaca, México).

Resumo

João Vicente realiza a pesquisa cênica A Ilha do Farol, cuja temática guia é a perda gradual dos movimentos causados pela Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), os impactos no cotidiano e os questionamentos proporcionados tanto na condição de ser humano, quanto no pensamento como artista/performer. João foi diagnosticado com essa doença rara neurodegenerativa em 2020 e agora vive em uma ilha e é desse território que se comunica. Ali, de frente para o movimento do mar, há um farol, e é desse lugar que sinaliza ao mundo que ainda está vivo e que precisa de ajuda.

Palavras-chave: arte-vida, doença, Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), performance, presença

Abstract

João Vicente carries out the scenic research The Lighthouse Island, whose theme is the gradual loss of movements caused by Amyotrophic Lateral Sclerosis (ALS), the impacts on everyday life, and the questions brought up both on the human condition and on his thinking as an artist/performer. João was diagnosed with this rare neurodegenerative disease in 2020 and now lives on an island and he communicates from this territory. There, facing the movement of the sea, there is a lighthouse, and it is from this place that he signals to the world that he is still alive and needs help.

Keywords: art-life, Amyotrophic Lateral Sclerosis (ALS), performance, presence

Resumen

João Vicente lleva a cabo la investigación escénica La Isla del Faro, cuyo hilo conductor es la pérdida progresiva del movimiento provocada por la esclerosis lateral amiotrófica (ELA), los impactos de la enfermedad en la vida cotidiana y las cuestiones acerca de la propia condición del ser humano, así como de sus pensamientos como artista/performer. João recibió diagnóstico de esta rara enfermedad neurodegenerativa en 2020 y ahora vive en una isla donde se comunica. En este local frente al movimiento del mar está un faro que indica al mundo que João todavía está vivo y necesita ayuda.

Palabras clave: arte-vida, enfermedad, Esclerosis Lateral Amiotrófica (ELA), performance, presencia



João Vicente na peça “A Ilha do farol”

Crédito da foto: Clarice Lissovsky

Apresentação no Teatro Ipanema, Rio de Janeiro - novembro de 2022.

MAR YAMMH – Eu fiquei muito tocado com o seu trabalho na peça A Ilha do Farol. A forma como você tem elaborado a relação entre as exigências e aberturas do viver com ELA, nos coloca diante de perspectivas pouco conhecidas para a maioria das pessoas.

JOÃO VICENTE – A gente tem uma visão de colonizados sobre doença. Essa visão do enfermo é muito próxima aos marginais, ao pobre, ao louco, aos desvalidos, os marginais de todas as formas. Então, eu me via assim, realmente mais próximo dessas pessoas que não são vistas como normais (...) Nietzsche tem uma visão sobre isso que, quando ele ficou doente, inclusive os médicos ficaram tentando entender que doença era aquela, ele fez um caminho contrário. Ao invés de se livrar, tentar se livrar da doença, tentar combater, ele procurou entender que a doença é ele, e como, a partir daquele corpo “frágil” e “doente”, ele pôde extrair uma potência de vida. E aí, ele abandonou todos os médicos e procurou esse caminho, como se ele fosse médico de si mesmo. Eu acho que é isso, eu tive essa visão de lutar contra a doença, lutar contra, mas contra o quê? É uma visão de um inimigo... um inimigo que está aqui fora e vem para cá e você tem que segurar, cuidar, mas a gente nunca pensa em produzir saúde.

Tem uma coisa que eu falo na minha peça, a gente vive em uma sociedade que faz morrer e deixa viver. Então, você tem uma doença e fica lá no hospital todo entubado, você está vivo, mas você está ali...eu acho que a gente vive em um mundo que te faz morrer, mas consegue te deixar vivo ali. E a gente não pensa em um outro tipo de vida, que te faz viver e te deixa morrer, quando é para morrer. Os elefantes, eles sabem que vão morrer e eles se recolhem na manada. E eu vou morrer. A gente tem muito medo da morte.

MAR YAMMH – No seu relato poético, durante a peça, você fala da ELA como uma vivência que lhe abriu para habitar fronteiras mais permeáveis de mundo. A Ilha do Farol é um processo artístico que se faz a partir desse encontro com o imponderável provocado pela doença. Acredito que sempre estamos diante do imponderável, mas há imponderáveis que se fazem muito contundentes, como nas enfermidades. Essas situações esgarçam os limites do corpo, impõe restrições, mas também, como você disse, trazem aberturas e potências. Esse processo vital pulsa na sua arte e se faz vivo na cena. Como você tem percebido as relações entre arte-vida atualmente?

JOÃO VICENTE – Bom você perguntar isso, porque, no início, você nega a doença, eu pelo menos neguei, porque a ELA começa em um dedo. E você até tem o diagnóstico, mas está em um dedo. E eu nunca tinha ouvido falar também, não conhecia. Então, eu demorei a aceitar, fui aprendendo a conviver e aquilo foi aumentando, foi indo, e ao mesmo tempo que era difícil, era interessante. É como Nietzsche, era uma experiência, uma abertura para uma experiência. Aí, eu comecei a postar que eu vim parar em uma ilha, fiz vários posts. E o Instagram é um meio de eu me comunicar, é mais ficcional. Eu não falei pra ninguém, demorei um tempo para falar, me recolhi, sumi, viajei. Eu peguei o carro e viajei. Era no meio da pandemia, foi no final de 2020. Foi engraçado porque no início da pandemia, em abril, eu tive o primeiro sintoma, foi uma câimbra, uma câimbra no pé, e a partir daí o meu pé ficou estranho. Eu perdi a marcha do pé. É engraçado isso, todo mundo começou a parar e eu parei mesmo. Eu fui parando e eu acho que eu absorvi muito, eu tenho uma questão que eu sempre tratei na terapia... minha capacidade de absorver tudo ao meu redor. Então, tem um ambiente tenso, eu vou ficar tenso. E eu acho que eu sou muito sensível a isso... Então, todo mundo parou e eu parei, eu fui parando e parando e me isolei, aí depois eu voltei e comecei a procurar meus amigos, a falar com todos, e isso eu já estava andando bem mal, já estava com dificuldade de levantar. E aí, eu procurei todo mundo e voltei a essa questão da ilha, foi uma forma de dizer para todo mundo. Eu escrevi no Facebook, no Instagram, escrevi assim, dessa forma meio ficcional,

e era até uma forma de fazer uma vaquinha, porque eram muito caras as coisas, então meus amigos me deram força: “vamos fazer uma vaquinha”, “benfeitoria”. Eu escrevi esse texto falando disso, da ilha, mas bem concreto, falando do diagnóstico e tal. E essa história da ilha foi indo até virar uma peça. A princípio era assim, tinha toda esse universo da ilha. Eu falei com alguns amigos “vamos fazer uma peça”. Mas como? Essa também foi uma questão. A ELA é uma doença que é quase o antiteatro, porque te imobiliza, imagina um dançarino que tenha ELA? Te impossibilita de fazer o teu trabalho. A gente refletiu muito sobre essas questões e durante o processo eu ainda me mexia, fazia algumas coisas com os braços, com as mãos, mas fui perdendo, até que a gente resolveu botar a cadeira no palco e chegamos a esse formato. Quase uma contação, um relato assim... e acho que é isso. Eu fui, foi indo...

MAR YAMMH – Quando você fala do antiteatro, perspectivas muito definidas do corpo em cena, da arte e da própria vida inevitavelmente se abrem. E durante a conversa com o público após a peça, você disse que bastaria ter uma pessoa diante da outra para o teatro acontecer, como se a gente pudesse aqui e agora, nessa entrevista, estar fazendo algum tipo de teatro. O que mudou pra você em relação aos limites e potências da cena?

JOÃO VICENTE – Ao mesmo tempo que eu falo que é um antiteatro, é também uma possibilidade... porque não tem uma fronteira, é um limiar que se move, então sempre vai haver possibilidade. Isso foi uma possibilidade de a gente pensar sobre teatro. E outros corpos, né? Outros corpos em cena. Eu cheguei muito nessa conclusão que o teatro não é nada mais do que uma pessoa em frente da outra. Então, quanto mais precário, mais você se aproxima do essencial, do genuíno. É como as roupas que a gente veste. Quanto menos roupa, mais você se diferencia no sentido de se aproximar de você mesmo. Quanto menos acessório, melhor. Eu acho que é isso. Eu não me mexo, então, para que se mexer, por que se mexer? Às vezes a gente se mexe o tempo todo e faz coisas e se ocupa, mas é vazio, quanto menos você faz, mais você consegue escutar ou perceber o que é realmente o que você

quer fazer. Ou qual gesto você faria. Mas, eu agora nessa condição aqui, daria tudo para me mexer, pular, gritar, mas ao mesmo tempo, a ELA me coloca em uma condição de espreita, de estar à espreita, de estar escutando mais e tendo mais tempo, tendo mais escuta, que é a única coisa que eu tenho, a escuta, a percepção. Meu corpo é sensível, eu escuto, eu vejo, eu cheiro, mas eu não me movo. Esse lugar foi imposto... o que é bom. Nesse sentido, eu acho que é isso. Muda muita coisa.

MAR YAMMH – Eu ia justamente perguntar sobre a atmosfera sensorial que você está imerso nesse instante. Você falou sobre sua habilidade de se transformar no ambiente. Essa habilidade mágica é um dom, mas também pode ser um pouco forte, às vezes.

JOÃO VICENTE – É, pode.

MAR YAMMH – Durante a peça, eu me senti mergulhando em uma atmosfera, que me convidava a soltar meus próprios contornos e adentrar em uma outra sensorialidade. Eu tenho a intuição de que esse convite veio pelo tipo de presença que você traz para o palco. Nesse sentido, como as suas vivências se relacionam com os estudos da presença tanto no seu cotidiano, como na experiência cênica?

JOÃO VICENTE – Essa minha capacidade de absorver com certeza está ligada nisso, porque eu acho que isso também é a mágica do ator. Para mim, um bom ator tem um pouco a ver com a sedução e com a escuta, com esse poder de percepção. E isso tem muito a ver com o palhaço. Muitos mestres de palhaço... tem um que eu gosto muito que é o Philippe Gaulier. Ele fala muito sobre essa questão de sedução, mas eu acho que é mais que isso. Tem um texto que eu não vou lembrar de quem é, mas é sobre palhaço, que diz que o palhaço é aquele que consegue escutar ao mesmo tempo a batida do seu coração e a batida do coração da última pessoa, na última fila em uma sala de teatro. E ele está nesse momento de percepção, de conexão e consegue ouvir um barulho da mão dessa pessoa que está lá na última fileira

e, ao mesmo tempo, ouvir o seu sangue correndo, sabe? Então, é essa condição de abertura e quando você estabelece isso você consegue levar as pessoas que estão te ouvindo para qualquer lugar. Eu acho que é isso que acontece comigo... e é também o que eu penso sobre o ator na cena, que não é só sobre interpretar um texto, é sobre essa conexão de estar ali, presencialmente..., mas você falou também sobre a atmosfera da peça, né?

MAR YAMMH – Eu queria escutar mais da sua percepção sobre esse contínuo de arte e vida, os processos de presença em relação ao que você nomeia como espreita e escuta... o que você sentiu, como se deu esse processo de transformação da presença.

JOÃO VICENTE – Eu acho que aumentou, sabe? Eu não sei se é porque a minha figura também impacta e deixa as pessoas em um estado mais suscetível, mas acho que aumentou, aumentou mesmo. Eu sempre tive isso, no teatro, sempre gostei de olhar para a plateia, de contar, sem a quarta parede e de entrar em contato mesmo, e isso é muito forte para mim, eu chorava às vezes... porque você entra em contato mesmo e se vulnerabiliza, deixa tudo cair e fica só você e a outra pessoa ali e estabelece um contato, sabe? E eu acho que isso aumentou.

MAR YAMMH – E você acha que aumentou, porque a precariedade que a ELA convoca, gera uma conexão com o que é fundamental?

JOÃO VICENTE – É. Porque o palhaço é um perdedor, né? Então, eu penso assim, que essa doença foi um presente para mim, porque eu estou ali, eu estou totalmente vulnerável, perdi tudo, então não resta mais nada. É o precário do precário. Então, te dá mais essa presença. Eu acho que em todas as pessoas que têm ELA ou que têm outro tipo de doença, não sei...eu não conheci muitas pessoas com ELA, conheci algumas e percebi isso, que você vê no olhar a pessoa, dá pra ver ela mesma, sem identidade, sem nome, sabe?



João Vicente na peça “A Ilha do farol”

Crédito da foto: Clarice Lissovsky

Apresentação no Teatro Ipanema, Rio de Janeiro - novembro de 2022.

MAR YAMMH – A alma, a vitalidade...

JOÃO VICENTE – A alma, a vitalidade. Uma potência mesmo.

MAR YAMMH – Sim.

[RISOS PROFUNDOS]

JOÃO VICENTE – É forte, é forte, mas é bom.

[SILÊNCIO]

MAR YAMMH – A gente estava falando que diante de um mundo que faz morrer e deixa viver, a pergunta sobre o que seria a vida é bem importante. Em algum momento da peça, você diz que “somos todos mar”, que acreditamos ser ilhas e que, no entanto, “somos mar”. Eu fiquei bem tocado com essa percepção. Como a ELA te ensina a ser mar? O que significa isso para você?

JOÃO VICENTE – Teve uma vez, depois de uma apresentação, que eu falei assim... que as doenças são sintomas de que o mundo não está bem. E porquê? Nós fomos ensinados de que há uma separação entre eu e você. Mas não há. Então, nós somos mar, sabe? Nesse sentido de conexão mesmo. Porque parece que tem uma separação entre eu e você, mas...

JUNTES – Não tem...

[RISOS]

JOÃO VICENTE – Mas a gente foi ensinado a isso. Então, é difícil enxergar de outra forma.

MAR YAMMH – Sim, é bem difícil... os limites dessa ficção da separabilidade têm a ver com as restrições dos nossos imaginários como uma sociedade colonizada. Nas artes da cena e na performance existiria a possibilidade de reinvenção, mesmo que efêmera, das noções

compactas e lineares do espaço-tempo. Quando o corpo muda, a relação com o espaço muda também. Aprender a mudar de pele, perder formas humanas muito definidas, tirar as máscaras sociais, seria importante para nos aproximar dessa radical percepção da inseparabilidade do mar?

JOÃO VICENTE – É, eu acho que essa coisa de estar na espreita é para você poder conseguir, talvez, enxergar essa possibilidade, outra possibilidade, outro tipo de viver, outro tipo de amar, de uma outra música, um outro teatro, né? Porque é para isso, a arte é para isso, para renovar.

MAR YAMMH – Para imaginar o inimaginável.

JOÃO VICENTE – É. Exatamente.

MAR YAMMH – E juntas, juntas, juntos.

JOÃO VICENTE – E juntas. E juntos. E juntas. Mas tem uma iniciativa assim, a gente precisa de uma outra pedagogia, de uma outra família, um outro estado, né?

MAR YAMMH – É um desmonte, a gente precisa deixar cair.

JOÃO VICENTE – Deixar cair, é...

MAR YAMMH – E...você fala bastante sobre a queda também, sobre essa relação do medo de cair, de sustentar, talvez, a presença durante a queda...

JOÃO VICENTE – É, a gente tem medo da queda. Eu falo de uma forma bem concreta, porque eu caio bastante. Mas a gente não dá o devido valor à queda. Então, talvez seja um tema que não é muito abordado... Eles têm medo, como da morte. Eles têm medo da queda. Mas a queda está aí. A gravidade é uma realidade a gente conhece mais as leis dos homens do que as leis da

natureza. Então, a gente não está nem aí...vamos desafiar tudo..., mas não. Quando a NASA construiu um foguete para ir à lua, o que ela teve que entender? Que não poderia ir contra a gravidade, então teve que se aliar à gravidade. Só assim conseguiu ir à lua. Então, você não pode transgredir as leis da natureza. Mas você pode se aliar, e como se aliar? A gente não foi ensinado a isso também. A gente foi ensinado a construir casas e pontes e

MAR YAMMH – A lutar contra a natureza...

JOÃO VICENTE – A lutar contra a natureza...

MAR YAMMH – Da mesma forma como a gente é ensinado a lutar contra a doença e não entender que os sintomas de uma doença, falam sobre um desequilíbrio maior, para além dos corpos individuais que vivem e encarnam esses sintomas...

JOÃO VICENTE – Sim. E a gente tem muita piedade de nós mesmos, né? “Coitado...”. A gente tem muita piedade. É difícil, é difícil, é difícil ser diferente. Mas a gente está, eu estou manifestando. Então, temos que manifestar para acabar com essa hipocrisia, acabar com essa vida tão pequena, tão assim, tola, cheia de tolices. E violenta também, porque um furacão não é violento. Violenta é a maneira que a gente vive. Com opressão e poder.

MAR YAMMH – Você fala que “o problema são as leis dos homens” ... quando você pensa na queda, na luta contra a queda, na luta contra a doença, você diz que o mais sábio seria se aliar à doença, se aliar à natureza...

JOÃO VICENTE – É. É essa luta que a gente tem que engajar.



João Vicente na peça “A Ilha do farol”

Crédito da foto: Clarice Lissovsky

Apresentação no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, Rio de Janeiro -
fevereiro de 2023.

MAR YAMMH – Como você vê essa percepção de luta a partir do processo com a ELA?

JOÃO VICENTE – Ah, eu sempre lutei contra o poder e talvez essa doença seja um sintoma mesmo de que eu perdi, perdi para esse tipo de vida, esse tipo de pensamento, e eu acho que essa é a luta que a gente tem que se engajar. A luta contra o poder. Eu acho que é isso. Para resumir, assim, a luta contra o poder.

MAR YAMMH – E não contra a queda... seria uma luta contra quem quer se erguer e não contra os efeitos da gravidade...

JOÃO VICENTE – É. É exatamente. A queda é linda, porque a queda é normal, é natural. Agora, não é natural uma pessoa que é submissa à outra, sabe? A ponto de ser quase um servo mesmo, um escravo, isso não é normal. E eu fico pensando, assim, em que ponto da história a gente chegou a essa relação de poder. Qual foi o primeiro rei, de onde veio? Então, eu fico pensando, quanta coisa pode ser diferente, né?

MAR YAMMH – Sim... conseguir entender as hierarquias que realmente regem o pertencimento à vida, por exemplo, a hierarquia da gravidade. E o que nos resta diante dela, com nossa humildade e dignidade, é honrá-la, nos aliar. Só que vivemos uma inversão das hierarquias.

JOÃO VICENTE – É. O que não é normal é uma pessoa fraca submeter-se a uma pessoa forte.

MAR YAMMH – De espírito você está falando?...

JOÃO VICENTE – É. Não é normal...

MAR YAMMH – É realmente uma inversão que gera desequilíbrios e aí todos os contínuos de desequilíbrios que a gente vê no mundo, chegando às doenças.

JOÃO VICENTE – Talvez seja isso mesmo... essa é a luta.

MAR YAMMH – E nesse movimento de imaginar o inimaginável, eu me lembro que na sessão que eu fui da peça, no último dia, no bate-papo, teve uma pessoa que perguntou sobre os seus sonhos.

JOÃO VICENTE – Eu adorei!

[RISOS]

MAR YAMMH – Eu tenho uma pesquisa sobre sonhos e fiquei com uma curiosidade. Os meus estudos partem de perspectivas não-ocidentais do sonhar. E cada vez mais eu tenho entendido que nós, como partes intrínsecas da natureza, seríamos também fragmentos dos sonhos da própria terra. Somos nós que sonhamos ou seríamos parte desse sonho múltiplo e vasto desse grande organismo terrestre, que se manifesta também no corpo? Sendo assim, nossos corpos seriam justamente a fronteira entre os mundos ditos despertados e sonhados. Então, as singularidades das vivências corpóreas, também inaugurariam outros mundos oníricos. Você falou que seus sonhos mudaram muito e que você tem estado bastante do lado de lá da fronteira, como se esse mundo onírico tivesse se expandido...

JOÃO VICENTE – Foi até uma coisa que eu falei naquele dia, que as coisas acontecem mais aqui dentro do que aí fora, muita coisa acontece aqui dentro. E, às vezes, eu sonho acordado, mas quando eu fecho os olhos, vem um mundo que eu acho mais palpável, sabe? Um mundo real mesmo, que aparece para mim. E ali eu me mexo, as coisas acontecem, é mais real mesmo. Às vezes, eu vejo que estou fazendo alguma coisa com meu corpo,

ou abrindo a boca para alguém colocar uma comida na minha boca e aí eu abro a boca e percebo “eu estou abrindo a boca”.

MAR YAMMH – Você tem em essa consciência de que está sonhando quando acordado?

JOÃO VICENTE – É. Exatamente. E acontece muito isso. E não sei se eu já falei, não me lembro de ter falado ainda, mas é isso, quando eu fecho os olhos, aparece um mundo muito mais complexo e real e mais cheio de camadas e de cheiros...

MAR YAMMH – E você sente que esse mundo também lhe inspira? São várias fronteiras que o corpo faz entre o que a gente chama de vigília e o que a gente chama de sonho... Habitar essas fronteiras cria uma abertura poética para você? Gera uma inspiração no dia a dia, para sua criação, para sua fruição, indo ao encontro das potências?

JOÃO VICENTE – Sim, geralmente nesse espaço entre a vigília e o sonho é o momento em que eu tenho ideias. E aí, eu tenho ideias ou visões e alguma coisa que me alimentam artisticamente, assim, de pensar alguma coisa, de querer alguma coisa, alguma ideia, isso tem muito...

[SILÊNCIO]

Te respondi?

MAR YAMMH – Sim. Eu que fui para o outro lado da fronteira, eu acho...
[RISOS] Essa relação do sonho abre para as complexidades e multiplicidade da vida...

JOÃO VICENTE – É. Aparece tudo, aparece a sua imaginação, as suas lembranças, os seus desejos... é uma mistura muito louca.

MAR YAMMH – É um marzão.

JOÃO VICENTE – É um mar. É um maremoto, assim.

MAR YAMMH – É um maremoto, depende de como está a maré, né?
[RISOS]

JOÃO VICENTE – É, às vezes mais calma, às vezes vem um mundo inteiro, assim... Vêm coisas muito reais.

MAR YAMMH – Você sonha com o mar?

JOÃO VICENTE – Eu sonho com a vida, com as minhas experiências, com o que eu... com o que eu gostaria que fosse. Ao mesmo tempo, têm muitos fantasmas, medos e frustrações, essas coisas do humano...

MAR YAMMH – Eu fiquei pensando na sua relação com o movimento... você na peça diz que a inércia não existe e que quanto mais próximos da imobilidade, outras percepções de movimento se fazem, como corpo, mas como percepção do movimento. Por exemplo, a gente está conversando aqui e essas árvores estão se movendo... e desde a sensação de mar, da inseparabilidade, quando os galhos e plantas se movem lá fora, nós em alguma medida nos movemos também aqui dentro. Como se dá essa relação para você nesse momento?

JOÃO VICENTE – É que eu falo que sempre fica um movimento ali, por baixo, um movimento intrínseco, que eu falo que nós somos filhos do tempo e tempo é movimento. Então, o movimento é anterior ao corpo, o movimento é a causa do corpo. Então, você pensar isso é muita coisa, sabe? Não é o corpo que gera o movimento, é o movimento que gera o corpo. Você e o corpo é um resultado do movimento. Então, não existe a inércia. Não existe.

MAR YAMMH – E quando você estava no palco, como é que era a sensação do seu corpo em movimento?

Entrevista com João Vicente sobre a peça “A Ilha do farol”



João Vicente na peça “A Ilha do farol”

Crédito da foto: Clarice Lissovsky

Apresentação no Teatro Ipanema, Rio de Janeiro - novembro de 2022.

JOÃO VICENTE – Nervoso, ao mesmo tempo atento e tentando lutar contra a minha falta de fôlego. E tentar colocar o som das minhas palavras... ah, eu acho que é a mesma sensação que eu sempre tive no palco, sabe? Mas com essa característica agora... de que eu estou nessa condição. Mas é aquilo que eu te falei, é uma expressão do presente. É o presente e eu fico grato por isso, de poder me colocar assim no palco, é uma realização para mim. Eu fico muito feliz, assim, e, ao mesmo tempo, tem todas as dificuldades e é frustrante e é decepcionante. Eu vejo, consigo ver o valor que isso tem e aí eu me sinto bem. É gratificante... o momento que você entra em contato com a plateia, para o ator, é tudo. E o ator nessa condição... para mim melhorou muito mais o meu trabalho, sabe? Então, eu fico muito feliz. E acho que a plateia também, né?

MAR YAMMH – Sim. As pessoas, pelo menos as que estavam ao meu redor, ficaram movidas e ponto. Para onde, de que forma, se elas vão negar o que presenciaram, se elas vão sentir profundamente, já não sei... Mas, elas são movidas e isso é muito potente...

JOÃO VICENTE – É. Estar junto... e a gente como geração... e ter um corpo como o meu, né? E essa possibilidade de estar no teatro e dispor isso é um privilégio... então, que bom! Eu fico feliz de ser um meio pra isso, sabe?

MAR YAMMH – Sim, com certeza.

JOÃO VICENTE – É mais um aliado que a gente tem nessa luta.

MAR YAMMH – Essa luta por uma mudança mais profunda de imaginários, percepções... Então, eu acho que foi importante para nós escutar que você tem recebido a ELA como um presente. Você multiplicou esse presente ali no teatro e nos convocou às complexidades da vida, sair “das tolices”, como você mesmo disse. E nesse sentido, também, nos provocou a reconhecer que estamos bastante perdidos dentro das leis humanas, achando que temos que resolver tudo por essa via. Onde ficam todas as bordas do mundo? E quando você abre a sua experiência no lugar da profundidade do encontro com o fundamental da complexidade da vida, reorienta muita coisa. Então, queria agradecer.

JOÃO VICENTE – Obrigado, você falou coisas boas sobre as experiências.